

ROMPENDO PARADIGMAS: EXPERIENCIANDO A AULA PASSEIO NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Paulo Heimar Souto
UFS
heimarphs@hotmail.com

Viviane dos Reis Silva
UFS
viviannereys@hotmail.com

Polyana Lacerda Santos
UFS
poly_lacerda@hotmail.com

1

Resumo

Vivências relativas às conexões entre teoria e prática são essenciais nos cursos de formação inicial de professores, tendo em vista que estruturas curriculares ainda apresentam dicotomias entre aspectos teóricos e práticos. Pautado nesse desafio, o relato a seguir busca apresentar uma experiência desenvolvida em 2014 na disciplina Ensino de História nos anos Iniciais do Ensino Fundamental. A disciplina é ofertada no 6º período e integra o currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, do Campus de São Cristóvão. Inserida na última unidade da disciplina, a experiência prática culminou na realização de uma “aula-passeio transformando-se em aula de descobertas”, cujo destino final da atividade foi visitar a foz do Rio São Francisco, localizada na fronteira dos Estados de Sergipe e Alagoas, situada no nordeste brasileiro. A proposta em tela buscou romper com a rotina do cotidiano acadêmico e ir além dos pressupostos teóricos, sobretudo, valorizando as múltiplas relações possíveis estabelecidas diretamente com o meio. Além de subsídios teóricos voltados à ciência histórica, ao ensino nos anos iniciais e à História Local, prévios conteúdos relativos à interdisciplinaridade e ao desenvolvimento de atividades de campo, permearam os preparativos para a aula passeio. Como resultados, o primeiro deles retratou registros de discentes relacionados às descobertas múltiplas, ampliando o campo de conhecimento e de experiências: a importância do rio São Francisco para a região, aspectos cotidianos locais, diversidade dos meios de transportes, aspectos ecológicos, turismo, diversidades

alimentares das comunidades, toponímias, cultivos agrícolas e lazer, integraram a maior parte das narrativas. Outro aspecto importante constatado nos depoimentos das discentes foi a possibilidade “do encontro com o outro”. As trocas de informações e as relações estabelecidas ao longo da viagem possibilitaram aproximações significativas entre as acadêmicas, que, segundo elas, em outros momentos não foram concretizados, apesar do convívio nos múltiplos ambientes da universidade. Diante de tais considerações, fica explícita que a aula passeio aproxima encontros com a realidade, foge da comodidade presente nas salas de aulas, ultrapassa ensinamentos pautados somente nos livros, possibilitando novos saberes vinculados às localidades dos partícipes. Por fim, pressupomos que a realização concreta de novas experiências educativas para futuros docentes, em cursos de formação inicial, poderá a médio e longo prazo proporcionar múltiplos saberes que incidam em práticas educativas cidadãs, de qualidade e, com pressupostos pautados na construção de um mundo melhor.

Palavras-chave: Aula-passeio; Formação docente; História local.

1 Introdução

Vivências relativas às conexões entre teoria e prática são essenciais nos cursos de formação inicial de professores, tendo em vista que estruturas curriculares ainda apresentam dicotomias entre aspectos teóricos e práticos. Segundo estudos de Rocha (2002), para a efetivação da transposição didática dos conteúdos, além de dominar o conteúdo e a teoria que o organiza, é necessário que o discente tenha acesso a reflexões sistemáticas relativas ao processo de ensino-aprendizagem.

A escola é estruturada a partir dos sujeitos que fazem parte dela, das relações que esses sujeitos estabelecem com seu meio. Para uma aprendizagem significativa, a realidade dos alunos deve ser reconhecida como fonte de pesquisa. Nesse sentido, é preciso considerar que os sujeitos aprendem mais e melhor o que tem sentido para eles. Logo, as atividades desenvolvidas nas séries iniciais da escola e os conteúdos curriculares devem atender a demandas sociais que façam sentido para o sujeito que aprende (Bazana & Dolair, 1996; Freire, 1996).

Para isso é importante entender que a aprendizagem só acontece de modo sedimentado quando possui algum significado, sendo assim o docente deve levar em

consideração os saberes trazidos pelos alunos, ou seja, suas experiências devem ser aproveitadas para dar sentido aos conteúdos trabalhados no ambiente escolar. O professor deve estar atento ao que se passa no universo do aluno, o que é dialogado, o que chama sua atenção, o que é feito, de que modo é feito, se é prazeroso, entre outros pontos. E a partir dessa observação/participação nos diálogos com alunos, pensar formas de aliar os acontecimentos do dia a dia, levando em consideração os saberes discentes.

Frutos dos distanciamentos históricos das concepções teóricas e práticas, não são incomuns encontrar nas estruturas curriculares de cursos superiores do País, aspectos dicotômicos relacionados entre o pensar e o fazer. Esta característica, de forma geral, configura durante o processo de formação do aluno universitário a falta de experiências práticas, tendo em vista que muitos cursos são fortemente concebidos na perspectiva teórica, sobretudo de licenciaturas. Essa situação deixa um sentimento de vazio em relação à formação.

Com o objetivo de contrapor práticas conservadoras distantes de propósitos para a construção de uma sociedade cidadã, novas experiências educativas têm sido configuradas na busca de uma educação reflexiva e de qualidade. Pautado nesse desafio, o relato a seguir busca apresentar uma experiência desenvolvida em 2014 na disciplina Ensino de História nos anos Iniciais do Ensino Fundamental. A disciplina é ofertada no 6º período e integra o currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, do Campus de São Cristóvão.

Figurando na Resolução sob nº 25/2008 do Conselho de Ensino Superior de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, a disciplina Ensino de História nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, apresenta carga horária de 60 horas. A ementa aprovada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Licenciatura de Pedagogia estabelece o seguinte ementário: “Concepções de História. Ensino-aprendizagem. Conceitos básicos do ensino de História. Políticas públicas para o ensino de história. Livros didáticos do ensino de História”. À luz do direcionamento estabelecido para a disciplina, uma das proposições estabelecidas pelo docente foi a de possibilitar aos alunos matriculados recortes têmporo-espaciais de localidades sergipanas, tendo em vista que, para os anos iniciais, é imprescindível subsidiar a formação com pressupostos da história local, sobretudo, com olhares interdisciplinares e voltadas à realidade dos discentes.

2 O lugar e o papel da História nas séries iniciais do ensino fundamental

O homem é um ser histórico por natureza. São os homens que produzem histórias. O papel da história, desde seus primórdios, foi o de procurar explicações sobre a própria existência, sobre suas relações sociais. O seu foco principal consiste em analisar as transformações pelas quais passam e passaram as sociedades humanas. Esse processo que busca reconhecer as relações estabelecidas nos diferentes tempos e espaços contribui para a construção da identidade do sujeito, objetivo relevante do ensino de História. (Borges, 1993; Brasil, 2000)

Em pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, realizada por Santos (2013) sobre o currículo de História nos anos iniciais do ensino fundamental e as implicações em relação aos processos de identificação dos alunos de uma turma do 5º Ano de uma escola da rede municipal, situada na cidade de Aracaju, no Estado de Sergipe, revelou que a narrativa histórica adotada pela professora da turma investigada dá privilégio a visão europeia dos fatos históricos que marcaram a colonização portuguesa do Brasil, representando uma versão voltada para os interesses dos grupos dominantes.

A referida autora concluiu sua pesquisa com a reflexão de que a forma como as aulas eram desenvolvidas confrontavam com os processos de identificação dos alunos com a ciência da História. Essa afirmação justifica-se em razão de que não foi possível observar a transmissão de conhecimentos que fossem válidos para a compreensão de mundo e da estrutura social na qual os alunos estavam inseridos. Assim, este estudo afirma que tais práticas não estimulavam a percepção dos alunos enquanto sujeitos que constroem História.

Bittencourt (2008), enfatiza que decidir sobre dar ênfase a história nacional, geral ou mundial é um dos dilemas enfrentados na seleção de conteúdos históricos. A autora explicita também que no Brasil, a história do povo brasileiro tem posicionamento secundário, pois observa-se que muitas práticas escolares são pautadas em tendências voltadas para a perpetuação de uma História mundial.

Infelizmente, o ensino da História nacional, em alguns espaços escolares, é caracterizado como elemento perpetuador dos interesses de elites dominantes. Nessa perspectiva, apresenta-se um Brasil pelo viés do colonizador, uma história aparentemente sem conflitos. Em seus discursos, ganha destaque nas narrativas brasileiras o europeu

vitorioso e a negligência do papel que os índios e os negros tiveram na constituição da sociedade brasileira (Borges, 1993).

Outro dado que merece ser observado diz respeito às representações dos professores sobre o ensino de História nos anos iniciais. Oliveira (1996), com base em dados coletados durante sua pesquisa de doutorado, destaca que o espaço destinado ao ensino de História na 1ª e 2ª séries ocupa posição subsidiária, pois as atenções dos professores estão direcionadas às práticas que estimulem a aquisição da leitura e da escrita. Ao afirmarem que a História tem posição desprivilegiada, esses professores esquecem que os textos históricos também podem ser fontes de estímulo à leitura e também à produção escrita.

Se o ensino da História nacional aparece de forma secundária nas escolas brasileiras, mais crítica ainda é a imersão da História Local no contexto escolar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia, o estudo da realidade do aluno deve ser o eixo principal nas práticas pedagógicas exercidas nas séries iniciais do ensino fundamental. Em contrapartida, observamos que o Ensino de História nesse contexto está fortemente atrelado ao estudo de datas comemorativas e feriados do país.

Refletir aspectos da História Local possibilita compreender o entorno do discente, identificando o pretérito sempre presente nos vários espaços de convivência: instituição escolar, residência, comunidade, trabalho e lazer. A memória é fator relevante na construção da história local, pois, é por intermédio dela que é possível fazer relações com o passado. As memórias são postas em documentos ou perpassadas através da oralidade, podem também emergirem ao entrar em contato com lugares que expressam através da sua arquitetura, dos seus espaços os vestígios do passado, aspectos que se entrecruzam com o presente e constitui a identidade dos sujeitos envolvidos nesse processo caracterizado pelo resgate às suas origens (Bittencourt, 2004).

É importante destacar que ao escolher trabalhar o ensino da história local em um curso de formação de professores que serão habilitados para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental, proposta desenvolvida na disciplina Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, possibilita o diálogo com as orientações que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem para o ensino de História. Nessa perspectiva, destaca-se o ensino de questões históricas relacionadas à localidade do

estudante, pois parte-se do princípio de que a partir dos estudos da história local os discentes passem a observar e compreender o seu atual contexto social e econômico e, sobretudo, dos demais tempos históricos (Brasil, 2000).

Para que se tenha uma aprendizagem concreta, é preciso refletir a respeito de como os conteúdos têm sido apresentados aos alunos, pois o método aplicado pode estar contribuindo apenas para a decoração momentânea dos mesmos. Nesse sentido, é preciso conhecer os novos processos metodológicos, sem deixar de refletir sobre a continuação do uso de alguns métodos usuais:

As questões decorrentes do processo de renovação metodológica caminham em duas direções. Uma delas é averiguar a permanência de métodos de ensino tradicionais, lembrando que eles não precisam ser necessariamente abolidos para que sejam introduzidos outros, de natureza diversa. A outra questão é investigar o significado da renovação metodológica, uma vez que, muitas vezes, método de ensino pode ser facilmente confundido com técnicas de ensino ou com a adoção de novos recursos metodológicos. (Bittencourt, 2008, p.226)

O método dialógico Freire (1987), por exemplo, estrutura-se no conhecimento empírico, uma vez que parte do diálogo, como o próprio nome já diz, onde o professor não é o detentor do saber absoluto, mas um transmissor. Dessa forma, o conhecimento passa a ser construído coletivamente por todos tendo um significado maior e, conseqüentemente, não ficando restrito às ponderações docentes. Os PCN História e Geografia (2000) refletem sobre essa problemática ao passo que explica que há alguns anos atrás estudar História era saber repetir as lições recebidas, ou seja, não existia uma relação de ensino – aprendizagem, mas apenas o ato mnemônico com as informações para posteriormente serem reproduzidas.

3 A aula-passeio e o ensino da História Local: navegando sobre as águas do Rio São Francisco

A “aula-passeio”, denominada por Freinet (1996), como “aula de descobertas” foi o procedimento metodológico escolhido para encerrar a última unidade da disciplina Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A experiência possibilitou visitar a foz do Rio São Franciscoⁱ, localizada na fronteira dos estados de Sergipe e Alagoas.

A proposta em tela buscou romper com a rotina do cotidiano acadêmico e ir além dos pressupostos teóricos, sobretudo, valorizando as múltiplas relações possíveis estabelecidas diretamente com o meio. Subsídios teóricos voltados à ciência histórica, ao ensino nas séries iniciais e à História Local tornaram enriquecedores aspectos para tornar a viagem mais instigante. Também, prévios conteúdos relativos à interdisciplinaridade Fazenda (1991) e ao desenvolvimento de atividades de campo, permearam os preparativos para a aula passeio ao longo do trabalho construído.

Todos os planos para a preparação da atividade de campo foram amplamente discutidos com as duas turmas que integraram a atividade: saúde, autonomia, financeiro, material e pedagógico (Sampaio, 1996). No plano saúde, o professor orientou as alunas a usarem roupas leves, adaptadas ao clima preponderante: quente. Em relação ao plano autonomia, cada pessoa foi orientada a responsabilizar-se pelos objetos pessoais trazidos na viagem, ainda em relação às demais responsabilidades, o professor conversou com a turma dias antes da viagem sobre as regras do local a ser visitado, explicando o percurso que iríamos fazer e quais transportes iríamos utilizar.

No quesito plano financeiro, o professor foi transparente em relação às despesas, notificando de antemão prováveis custos. Foi informado também, as constantes negociações em relação ao transporte e alimentação. O preço da viagem sofreu alterações porque estávamos esperando uma resposta da Universidade sobre a cessão de dois ônibus para realização da viagem. Enquanto não havia a certeza da liberação dos transportes, o professor sempre manteve os alunos informados sobre duas possíveis despesas, uma com a ajuda da universidade e a outra sem a ajuda da mesma. Logo, esse plano foi desenvolvido de maneira clara, não restando dúvidas sobre os valores que seriam pago.

No plano material, objetiva-se estudar o local de passeio, normas de segurança, caminhos a percorrer, entre outras coisas. Esse plano também fez parte da aula-passeio, ao passo que, os alunos interessados pesquisaram na internet ou em outros meios de informação sobre o município onde a aula aconteceria de fato e características das adjacências.

O quarto e último plano é o plano pedagógico. Esse plano traça os objetivos educativos que a aula proposta possui. No que diz respeito à aula-descoberta em Brejo Grande e adjacências, o plano pedagógico elaborado pelo professor estabeleceu que as discentes, ao longo de um percurso de 148 quilômetros (saída de Aracaju/SE até a

chegada ao município de Brejo Grande e, posteriormente, até a foz do Rio São Francisco), registrassem os tempos de deslocamentos, toponímias, aspectos urbanos e rurais, hidrografias, relevos, vegetações, indústrias, aspectos arquitetônicos das residências, buscando relacionar com os referenciais discutidos previamente em vários encontros na sala de aula.

4 A viagem

8

Com a participação de 62 (sessenta e duas) motivadas e curiosas acadêmicas, em um dia nublado de fevereiro de 2014, utilizando 02 (dois) ônibus da Universidade Federal de Sergipe e uma embarcação particular (Bossa Nova), foi realizada a aula passeio no Baixo São Francisco. Pontualmente às 07 horas, logo após a realização da chamada, foi entregue às alunas um roteiro prévio de atividades.



Figura 1. Integrantes da Aula- Passeio para Brejo Grande. Fonte: Silva (2014).

Às 09h 30 ocorreu a chegada ao município de Brejo Grande. Daí, seguimos de barco até a foz do rio São Francisco, uma viagem de 50 minutos. Ao longo do trecho fluvial, o comandante da embarcação narrou várias histórias relativas ao rio e aspectos sociais e econômicos daquela localidade. O docente também fez uso da palavra para ressaltar a importância da observação de diversos aspectos que deveriam ser registrados, sobretudo, no tocante aos itens da História, da Geografia e do Meio Ambiente.



Figura 2. Vista parcial do Rio São Francisco em Brejo Grande/SE. Fonte: Silva (2014).

5 Desdobramentos

Como mencionado anteriormente, cada aluna recebeu um roteiro prévio de atividades para a realização da atividade de campo. As recomendações referiam-se aos registros das distâncias percorridas, aos tempos utilizados, às concepções pessoais tidas a partir da experiência, dos textos anteriormente estudados e, a elaboração e desenvolvimento metodológico de 03 (três) conteúdos de História voltados para as séries iniciais do ensino fundamental. Munidas das orientações necessárias, as discentes puderam construir a partir de registros visuais, orais, escritos e fotográficos o último trabalho acadêmico referente à disciplina Ensino de História nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Assim que o grupo chegou ao município de Brejo Grande, imediatamente houve o embarque na embarcação “Bossa Nova”. O percurso da sede do município até a Foz do Rio São Francisco proporcionou paisagens belíssimas. Precisamente às 11h33, descemos da embarcação, pois havíamos chegado a mais um ponto de análise da nossa atividade: o município de Piaçabuçu, localizado em Alagoas. Nesta etapa da aula foi possível passear sobre as dunas, comprar e apreciar artesanatos e comidas típicas da região visitada e também, banhar-se nas águas do rio.

Às 12h10. Houve o retorno ao barco, desta vez, o foco de análise foi a vista da sede municipal de Piaçabuçu. Dando prosseguimento, o docente pediu para que a embarcação parasse para que entendêssemos aspectos relacionados à localização

geográfica e observar com maior detalhamento aspectos ambientais a partir do Rio São Francisco. Depois desse momento, a embarcação seguiu para o restaurante, com chegada às 13h57.



Figura 3. Navegando nas águas do Velho Chico. Fonte: Santos (2014).

O retorno foi realizado margeando o Estado de Alagoas, até à sede municipal de Piaçabuçu. Por volta das 13h 30 chegamos à cidade de Brejo Grande para o almoço. A volta para Aracaju transcorreu dentro do previsto, chegando às 17h30 na capital sergipana.



Figura 4. Vista parcial do município de Piaçabuçu/AL. Fonte: Silva (2014).

Após a culminância das atividades, os relatos escritos e verbais das discentes apresentaram características marcantes. O primeiro deles retratou registros relacionados às descobertas múltiplas, ampliando o campo de conhecimento e de experiências: a

importância do rio São Francisco, aspectos cotidianos locais, diversidade dos meios de transportes, aspectos ecológicos, turismo, diversidades alimentares, toponímias, cultivos agrícolas e lazer, integraram a maior parte das narrativas. Sampaio (1996, pp.185) enfatiza que na aula das descobertas é preciso estar de “olhos bem abertos, ouvidos e as narinas atentas a fim de voltar do passeio consciente de todas as sensações que teve.”

[...] naquela atividade tivemos a possibilidade de ampliar o nosso campo de aprendizagem vendo que podemos trabalhar em uma aula vários aspectos diferentes, a interdisciplinaridade que tanto ouvimos falar e estava clara. (Relato escrito de experiência, Acadêmica Santos, 2014)

A aula proposta pelo professor Paulo Heimar na disciplina Ensino de História nas séries iniciais possibilitou os alunos a uma aula reflexiva acerca de lugares ricos em informações. (Relato escrito de experiência, Acadêmica Jesus, 2014)

[...] Logo ao chegar, presenciamos algumas mulheres lavando roupa à beira do rio. Percebemos então, que o rio é de suma importância para comunidade local, ao passo que os moradores que ali residem se apropriam dele para auxílio das tarefas cotidianas. Durante a viagem sobre o Rio São Francisco foi possível vivenciar situações que nos levaram a algumas conclusões: não há transporte público para levar passageiros de Brejo Grande para o estado de Alagoas; as poucas embarcações que tem são de pequeno porte, algumas que são grandes, como é o caso do barco *Bossa Nova* que serve para transportar turistas; a mata ciliar que protege o rio na maior parte do percurso é preservada, mas é possível encontrar focos de destruição dessa mata pela ação do homem, como é o caso da construção de algumas casas a beira do rio. (Relato escrito de experiência, Acadêmica Silva, 2014)



Figura 5. Meios de transportes. Figura 6. Mata ciliar. Fonte: Silva (2014).

[...] Outro fator importante diz respeito à feirinha de artesanato e comidas típicas localizada no Pontal do Peba, no estado de Alagoas, essa é outra atividade

econômica relevante, os vendedores dessa feira, vendem acima de objetos, cultura, pois os objetos e comidas expostos para compra representam o povo ribeirinho, revelam a identidade de quem vivencia cotidianamente aquele espaço (Relato escrito de experiência, Acadêmica Silva, 2014)



Figura 7. Feira do turista: Pontal do Peba/AL. Figura 8. Bolsas de palha. Fonte: Silva

No caminho pude observar e vivenciar situações novas, paisagens, enfim, tudo estava em um contexto novo e motivador. Foi importante descobrir a situação econômica, social e cultural da região próxima ao rio São Francisco, apesar de ser uma região belíssima apresenta grandes problemas de desenvolvimento econômico (Relato escrito de experiência, Acadêmica Oliveira, 2014)

Outro aspecto importante constatado nos depoimentos das discentes foi a possibilidade “do encontro com o outro”. Conhecer o “outro” permite ampliar o conhecimento do aluno sobre si. Portanto, na busca pelo autoconhecimento é preciso experimentar outras formas de viver, de perceber o mundo. É através do contato com outros espaços e tempos que o estudante compara situações e estabelecem relações, tais posturas aumentam consideravelmente o conhecimento sobre si e sobre as demais esferas que o rodeiam: grupo, região, país (Brasil, 2000).

Na aula passeio pude recordar da época em que minha família morava próximo ao Rio São Francisco na cidade de Xingó – AL, lembrei dos momentos que atravessávamos de balsa, antes de construírem a ponte entre Canindé e Xingó, o rio São Francisco foi tão importante na vida de minha família e de milhares de moradores de Xingó, afinal quem morava naquela época na vila trabalhava na usina hidrelétrica, era o sustento daquele povo. (Relato escrito de experiência, Acadêmica Lopes, 2014)

Era perceptível o bem-estar causado nas pessoas ao se depararem com os recursos naturais contidos naquelas localidades visitadas, gerando assim, uma noção de pertencimento inenarrável, ou seja, uma relação afetiva com o momento vivido.

[...] A paisagem é belíssima, a natureza é perfeita e harmoniosa, o vento no rosto e o barulho do barco, tudo era encantador. (Relato escrito de experiência, Acadêmica Figuerêdo, 2014)

As trocas de informações e as relações estabelecidas ao longo da viagem possibilitaram aproximações significativas entre as acadêmicas, que em outros momentos não foram concretizados, apesar do convívio nos múltiplos ambientes da universidade.

No quesito socialização ganham destaque também as conversas com os comandantes do barco – Seu Manoel e Rema -, essas conversas serviram para averiguarmos questões sobre o Rio São Francisco e para entender a vida de pessoas que ganham dinheiro estimulando o turismo, como é o caso da embarcação *Bossa Nova* que proporciona viagens pelo rio.

O aprendizado transmitido para nós através do grupo responsável pela embarcação mostrou-me que entender a situação é essencial para tornar possível a aprendizagem, arrisco dizer que eles despertaram isso em mim sem se quer imaginar que ao fazer a apresentação da “aninga” (planta cicatrizante presente ao longo do Rio São Francisco) ou até mesmo em explicar que o fato de o rio está perdendo a força e por isso o mar está invadindo o seu espaço, extinguindo os peixes de água doce e trazendo poucos peixes da água salgada para o Rio São Francisco. (Relato escrito de experiência, Acadêmica Silva, 2014)



Figura 9. Vista parcial de Aninga em Brejo Grande/SE. Fonte: Silva (2014).

É importante frisar, que todas as demais áreas de conhecimento que guiam o contexto escolar podem se beneficiar do passeio realizado, originando assim um trabalho interdisciplinar. Por exemplo, a aula-descoberta realizada no município de Brejo Grande e adjacências subsidiou atividades para diversos campos de conhecimento: História, Geografia, Língua Portuguesa, Ciências, Artes, entre outras.

No âmbito da História, foi possível trabalhar com as principais atividades econômicas desenvolvidas à beira do rio e os porquês que influenciaram a povoação naquelas localidades.

No campo da Geografia, foi possível analisar as paisagens naturais, paisagens humanas e a vegetação nas margens do rio. No âmbito da Língua Portuguesa, pode-se explorar a produção de textos e, em Artes, em virtude da grande oferta de produtos artesanais oferecidos para venda nas dunas de Piaçabuçu/AL, foi possível entender o que se produz, os materiais utilizados para a produção e como são comercializados. Merece destaque observar que os produtos artesanais disponíveis retratam a vida dos ribeirinhos com suas canções e poemas que contemplam a vida de quem vive à beira do rio. Esses são alguns dos inúmeros aspectos que subsidiam reflexões interdisciplinares observados pelas discentes a partir de aula-descoberta ocorrida na Foz do Rio São Francisco.

Diante de tais considerações, fica explícito que a aula-descoberta possibilita o encontro com a realidade, foge da comodidade presente nas salas de aulas, ultrapassa ensinamentos pautados somente nos livros didáticos, alia teoria às questões que envolvem a prática. Sendo assim, a experiência vivida induz, para as futuras pedagogas em possibilidades de dinamizar as formas de abordagens de alguns conteúdos, em proporcionar aos alunos momentos que ficarão guardados na memória por tempo indeterminado e enriquecerão os planos social, intelectual e afetivo.

De acordo com os relatos, a vivência na formação da experiência da aula-descoberta, permitiu entender assim como Sampaio (1996), que a escola deve proporcionar momentos em que as crianças usem os cinco sentidos para explorar a “realidade próxima” e a partir de então, estendê-la para o entendimento do todo. Desta forma, experiências com aulas descobertas têm potenciais para desenvolver a visão crítica e autêntica dos discentes, visto que, na escola da contemporaneidade é essencial que o professor organize momentos em que os alunos possam exercer sua autonomia, vivam situações reais, assumam novas responsabilidades e produzam seu próprio conhecimento.

6 Considerações Finais

Mesmo com avanços tecnológicos e das contínuas reformas curriculares, ainda é desafiador romper a dicotomia entre a teoria e prática em vários *locus* do conhecimento. A proposição da aula descoberta teve como premissa possibilitar a amplitude do conhecimento acerca da História Local e de múltiplos aspectos interdisciplinares.

À luz das observações das discentes, a experiência vivenciada na atividade de campo ocorrida na disciplina em tela, consolidou novos saberes relacionados às formas de abordagens de alguns conteúdos, e possibilitou momentos singulares guardados na memória por tempo indeterminado.

A vivência concreta da teoria e da prática, a partir da História Local, nos dá subsídios para afirmar que é possível construir momentos em que os discentes entrecruzem histórias, tanto no presente como no passado, com ênfase em seus papéis sociais. Diante de tais considerações, fica explícito que a aula passeio aproxima encontros com a realidade, foge da comodidade presente nas salas de aulas, ultrapassa ensinamentos pautados somente nos livros, possibilitando novos saberes vinculados às localidades dos partícipes.

Por fim, pressupomos que a realização concreta de novas experiências educativas para futuros docentes, em cursos de formação inicial, poderá a médio e longo prazo proporcionar múltiplos saberes que incidam em práticas educativas cidadãs, de qualidade e, com pressupostos pautados na construção de um mundo melhor (Freire, 2010).

7 Referências

- Bazana, A. E., Dolair, A. C. (1996). *As séries iniciais da escola: Conversas de professoras*. Unijuí: Editora Unijuí.
- Bittencourt, Circe Maria Fernandes. (2008). *Ensino de história: Fundamentos e métodos*. (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Borges, V. P. (1993). *O que é História*. [Coleção Primeiros Passos]. (2a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. (2000). *Parâmetros curriculares nacionais: História e geografia*. (2a ed.). Rio de Janeiro: DP&A.

- Fazenda, I. C. A. (1991). *Interdisciplinaridade - Um projeto em parceria*. São Paulo: Edições Loyola.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. (17a ed.). Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Oliveira, M. D. (1995). O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. In: *História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História*. Centro de Letras e Ciências Humanas. Londrina: Ed. UEL.
- Rocha, U. (2002). *História, Currículo e Cotidiano Escolar*. São Paulo: Cortez.
- Sampaio, R. M. W.r F. (1996). *A aula-passeio transformando-se em aula de descobertas*. In: *Pedagogia Frenet: Teoria e Prática*.
- Santos, M. R. (2013). *O currículo de história nos anos iniciais do ensino fundamental: Entre o proposto e o efetivado*. (Monografia Graduação em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão.

¹ O Rio São Francisco possui grande importância para a região Nordeste. Este é conhecido como "rio da integração nacional", pois é um rio de ligação da região sudeste e centro-oeste ao nordeste brasileiro. O Velho Chico, como também é popularmente conhecido pelos ribeirinhos, passa pelos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. É importante via de navegação e atualmente passa por um processo de transposição para atingir regiões que sofrem com a seca.